

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

ANA PAULA ELIAS DA SILVA

NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA, DE ELZA SOARES:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Campo Grande/MS

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA, DE ELZA SOARES:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul,
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Historiadora.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva
Sousa (*in memoriam*)

Campo Grande/MS

2026

NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA, DE ELZA SOARES:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL

RESUMO: Esta pesquisa analisa as representações do sexismo e do racismo, e as contribuições para o feminismo negro no álbum póstumo de Elza Soares, *No tempo da intolerância*, destacando a relevância da obra como instrumento de denúncia social, resistência política e valorização da identidade negra. A pesquisa parte do entendimento de que a produção artística constituiu ao longo de sua trajetória um espaço de enfrentamento às desigualdades de gênero, raça e classe presentes na sociedade brasileira. A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos sobre sexismo, feminismo negro e interseccionalidade, concluindo que a arte ultrapassa os limites da expressão musical constituindo-se como instrumento para o fortalecimento das pautas defendidas pelo feminismo negro.

Palavras-chave: Sexismo. Feminismo Negro. Interseccionalidade. Elza Soares.

ABSTRACT: This research analyzes the representations of sexism and racism, and the contributions to Black feminism in Elza Soares' posthumous album, *No tempo da intolerância* (In the Time of Intolerance), highlighting the work's relevance as an instrument of social denunciation, political resistance, and valorization of Black identity. The research starts from the understanding that artistic production has constituted, throughout its trajectory, a space for confronting the inequalities of gender, race, and class present in Brazilian society. The methodology adopted consists of bibliographic research, based on studies on sexism, Black feminism, and intersectionality, concluding that art transcends the limits of musical expression, constituting itself as an instrument for strengthening the agendas defended by Black feminism.

Keywords: Sexism. Black Feminism. Intersectionality. Elza Soares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. A MULHER PRETA NO BRASIL.....	9
2. ELZA SOARES: O MEU PAÍS É O MEU LUGAR DE FALA.....	15
<i>NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA: UMA ANÁLISE DO ÁLBUM.....</i>	<i>26</i>
3.1 Identidade visual.....	27
3.2 Interpretação das letras.....	31
3.3 Ficha técnica.....	38
3.3.1 Canções que compõem o álbum.....	38
3.3.2 Ficha técnica.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Ser uma mulher preta,¹ especificamente no Brasil, é um enfrentar de desafios singulares, de extrema complexidade, pois além da convivência com situações comuns a todas as mulheres – tecidas em sua quase totalidade pelo machismo e as consequentes formas de violência de gênero –, há uma luta árdua e desigual, marcada e orquestrada pelo racismo. E a história nos evidencia essas particularidades da realidade das mulheres pretas, que não somente sofreram e sofrem opressões e explorações do sexismo, mas primeiramente do racismo, tendo que demonstrar a sua força e a sua resistência desde o período colonial.

Sendo assim, há um entendimento de que, estruturalmente, sexismo e racismo – elementos fundadores da nossa sociedade – são temas ainda inesgotáveis, amplos, explicativos de uma condição social que exige resistência cotidiana, esforço redobrado e a construção de caminhos próprios. Discuti-los amplamente é uma questão de sobrevivência, é manter a visibilidade e combater sistematicamente as desigualdades.

Pela complexidade do tema, com os recortes das experiências vividas, e pela amplitude de abordagens, estudar as questões pertinentes ao feminismo negro parecia-me um caminho tortuoso e contraditório, apesar da familiaridade que este assunto me apresentava, e do fascínio na descoberta de que as dores podem ser nomeadas e manifestadas, seguindo assim o entendimento da filósofa Djamila Ribeiro: “não dá para lutar contra o que não se pode dar nome” (Ribeiro, 2018, p. 19). E ao nomear essas questões, que atravessam o racismo, o sexismo e a construção da nossa identidade, encontrei na vida e na arte de Elza Soares um caminho seguro para embasar essa discussão.

¹ Atualmente, “negra” e “preta” coexistem como expressões válidas de identidade política. No entanto, “preta” tem ganhado destaque, principalmente por sua ênfase na valorização objetiva da cor, tornando-se cada vez mais presente nos discursos de afirmação e resistência, sendo assim a minha escolha, em momentos pertinentes, para este trabalho. A ideia é tirar o poder ofensivo da palavra e transformá-la em identidade e resistência. Nas palavras da pesquisadora do Centro Multidisciplinar de Pesquisas em Criações Colaborativas e Linguagens Digitais, ECA/USP, Rosane Borges (2024): “A convivência do termo negro e preto se dá a partir do que você pergunta inicialmente – se há adoção do termo negro e do termo preto – dois termos que acabam tendo conotação negativa. Algumas pessoas dizem que preto se refere a cor e negro se refere à dimensão racial, mas, no Brasil, as duas categorias funcionam. Elas têm uma semântica que expressa, tanto para o racismo, quanto para o antirracismo, o que se quer dizer com essas palavras. Não há nenhum tipo de problema com as palavras. O problema é com o racismo”.

Como tantas outras mulheres, Elza travou muitas batalhas para conseguir manter sua sobrevivência, lutando contra a escassez de recursos materiais, se esquivando de abusos sexuais, viveu um casamento e uma gravidez precoces, sobreviveu à violência doméstica, “e ao preconceito racial e de gênero, que não foi uma realidade restrita ao seu tempo de anonimato, mas que permeou toda a sua vida. Seu lugar, seu espaço, nunca foi um lugar garantido, era necessário ser conquistado todos os dias”, nos alerta Zeca Camargo em biografia que leva o nome da cantora (Camargo, 2018, p. 207).

Portanto, este trabalho se dedica a analisar – no campo historiográfico – como a trajetória artística desta cantora assemelha-se com a realidade histórica, cultural e social de tantas outras mulheres pretas em nosso país, seja pelo estilo de vida, pelas escolhas forçadas, pela falta de oportunidade, pela invisibilidade, pela solidão, como também pela resistência, pela afronta, pela superação. Detentora de uma voz única e de um repertório combativo, representante ativa de uma mulher preta potente, emblemática, talentosa e com uma narrativa voltada para as questões de justiça social, Elza Soares é uma das representantes mais importantes do movimento negro e feminista, resistente em sua arte, cantou aos berros até o fim – uma afronta ao etarismo também. Como já colocado, racismo e sexismo, temas amplos em discussões e avanços, permeiam toda a obra desta intérprete, silenciada por muitas vezes, mas atuante e ocupante de um lugar de fala muito peculiar: assim como muitas de nós, Elza Soares cantou o que viveu e vivenciou todas as letras que cantou. Dona de uma personalidade intensa, imprimiu a sua marca e assumiu suas composições em seu último álbum lançado, póstumo, *No tempo da intolerância*, que é o objeto deste estudo. Nas palavras da cantora e compositora Luedji Luna:

Elza fez tudo! Demarcou seu lugar de majestade na música brasileira, gravou discos históricos, foi homenageada em vida, se posicionou politicamente. Elza é referência não só na música, mas também de como se deve viver e morrer. Assim como ela, quero até o fim cantar (Luna, 2022).

Apesar da vasta produção acadêmica existente sobre a vida e a obra de Elza Soares, a ideia desta pesquisa é inovadora, uma vez que propõe o estudo da artista como compositora, um marco em sua longa carreira. Uma mudança de paradigma que representa um rompimento com os padrões estabelecidos:

mulheres pretas não costumavam ser reconhecidas como autoras de suas próprias narrativas. Nas palavras da própria cantora, citadas em entrevistas e na biografia escrita por Zeca Camargo, “uma preta não podia ser compositora” (Camargo, 2018, p.16). Não havia espaço para esse expressar de ideias. Portanto, analisar este álbum é compreender de forma definitiva – ou quase definitiva – como Elza Soares, por meio de suas composições, baseadas em seus escritos pessoais, transforma suas dores em arte, revive memórias, expõe as suas verdades, defende os seus posicionamentos, documenta a sua trajetória de resistência e assina o seu nome no campo da reparação histórica.²

A pesquisa será desenvolvida a partir de um debate, tomando como base livros que abordam um debate sobre feminismo negro e racismo estrutural, de teóricas renomadas, como Lélia Gonzalez (2020), Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) e bell hooks (2019), fortalecendo o diálogo sobre o conceito de interseccionalidade. Complementando, será estudada uma biografia já citada aqui, escrita pelo jornalista Zeca Camargo, em 2018, a convite da própria Elza, por apresentar uma abordagem e linguagem mais profundas, condizente com a mulher feminista e potente que Elza representa. Nas palavras de Larissa Papa Nogueira Martins:

A produção aborda e reflete questões políticas e sociais como o racismo, sexismo e desigualdades de forma mais ampla, estruturas de poder que afetam e atravessam a existência de Elza e seu posicionamento na vida, e é este o cenário que se pretende trabalhar aqui (Martins, 2023, p. 17).

Para uma compreensão de como este trabalho será estruturado e construído, após o término desta introdução, seguirão três capítulos distintos, mas complementares e estruturantes dos conceitos e da obra de Elza Soares.

O primeiro capítulo se propõe a discutir os conceitos de racismo e sexismo, compreendidos como elementos estruturantes da sociedade brasileira, permeados pelas definições de feminismo negro e interseccionalidade. Em uma

² Segundo as palavras do empresário e amigo da cantora, Pedro Loureiro, em entrevista para a *Revista Piauí* (2023), o álbum traz as canções que Elza tentou gravar em outras oportunidades, mas sempre foi silenciada pelo mercado, sendo obrigada a gravar canções de outros compositores. Sendo assim, pode-se dizer que este trabalho faz uma reparação necessária à história da intérprete, assim como dá voz às mulheres que foram – e ainda são – silenciadas por um sistema opressor e racista.

abordagem que apresente o cenário no qual estão inseridas as mulheres pretas em nosso país, este capítulo apresenta um panorama de como são abordadas as principais questões, conquistas e construções sociais e históricas desse grupo. Ao mesmo tempo, evidencia-se como a sociedade brasileira, marcada pelo silenciamento das mulheres em geral, impõe um apagamento ainda mais profundo às mulheres pretas, restringindo suas vozes e narrativas.

Nas palavras de Lélia Gonzalez, “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (Gonzalez, 2020, p. 76). E desse lugar que tentaremos explicar como o lugar de fala é construído, reconhecendo que as vivências desse grupo possibilitam inúmeras respostas às diversas formas de opressão e que o reconhecimento desse lugar é fundamental para romper com o silenciamento histórico.

O segundo capítulo, quase uma extensão do primeiro, nomeia essa mulher preta e seu lugar de fala: Elza Soares. Faremos um estudo sobre a vida e a obra dessa artista, focando em sua arte como memória e construção de uma identidade cultural. Detentora de uma trajetória extraordinária, Elza Soares foi-se descobrindo como uma mulher negra enquanto avançava como intérprete, para, em sua última obra, despontar como compositora, dona de suas ideias e voz potente na luta contra o racismo e o sexismo. A vida de Elza Soares se revela como um processo de autodescoberta e afirmação, tanto de sua identidade quanto de sua voz artística. Sua arte representa não apenas um instrumento de memória, mas também um veículo para a construção de uma identidade cultural forte e singular.

Por fim, no terceiro capítulo, uma análise do álbum *No tempo da Intolerância*, lançado em 2023 – objeto central desta pesquisa e um marco na história da música brasileira –, com foco na construção das narrativas autorais, no contexto de produção das músicas e na construção da identidade visual da capa, buscando como objetivo geral compreender o impacto dessa obra na perspectiva das mulheres pretas, e como reafirma a importância da expressão artística para manter a visibilidade e documentar trajetórias de luta e movimentos de resistência. Nas palavras de Djamila Ribeiro, “o incômodo está indo para o lugar certo” (Ribeiro, 2018, p. 59).

CAPÍTULO 1

A MULHER PRETA NO BRASIL

Há um entendimento de que, estruturalmente, sexismo e racismo – elementos fundadores da nossa sociedade – são temas ainda inesgotáveis, amplos, explicativos de uma condição social que exige resistência cotidiana, esforço redobrado e a construção de caminhos próprios. Discuti-los amplamente é uma questão de sobrevivência, é manter a visibilidade e combater sistematicamente as desigualdades.

Correto dizer também que a realidade das mulheres pretas no Brasil tem sido amplamente percebida por estudiosas, discutida em livros e textos acadêmicos, exibida nos meios de comunicação. Entre os temas mais recorrentes estão o racismo, o machismo, o etarismo, a desvalorização no mercado de trabalho, a solidão afetiva, a criação dos filhos sem rede de apoio e a pressão estética por um padrão de beleza eurocêntrico

Em outras palavras, além das opressões historicamente impostas às mulheres em geral, as mulheres pretas enfrentam camadas adicionais de violência e exclusão, que tornam sua experiência social ainda mais complexa. Reconhecer essas particularidades é fundamental para compreender a profundidade das desigualdades que marcam a nossa trajetória.

Na perspectiva de Lélia Gonzalez, o enfrentamento dessas questões só poderia se dar a partir de um engajamento ativo da comunidade negra, pois é na ação, na militância, na experiência concreta, na participação em movimentos sociais que várias facetas da problemática vão se revelando:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que a sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (Gonzalez, 2020, p. 76).

Diante de todas essas especificidades, é preciso resistir – lema principal do feminismo negro –, é preciso empoderar as mulheres pretas, e, para tanto, faz-se necessário revisitar a história dessas mulheres, compreender quais são os caminhos trilhados para o apagamento cultural, como a estrutura da

inferiorização foi construída, resgatar as suas raízes, os seus conhecimentos, suas trajetórias de luta, enfim, um enfrentamento profundo que nos conduza a uma real transformação social. Na contribuição de Larissa Papa Nogueira Martins e Fábio da Silva Sousa:

Para empoderar-se e resistir é necessário revisitar a história, apropriar-se de conhecimento, compreender as lógicas de apagamento e inferiorização cultural, resgatar e conhecer suas raízes, orgulhar-se delas e disseminá-las como estratégias de questionamento e enfrentamento que possam conduzir a uma transformação social (Martins; Sousa, 2025, p.14).

Sendo assim, este capítulo propõe revisitar a história destas mulheres, discutindo os conceitos de racismo³ e sexismo⁴, permeados pelas definições de feminismo negro e interseccionalidade.

Entre 1550 e 1882, o Brasil vivia o seu Período Colonial, a organização social patriarcal, escravocrata, violenta com os povos dominados – negros e indígenas –, defendia uma supremacia branca e os padrões eurocêntricos. O movimento de colonização promoveu o apagamento da história e cultura dos povos originários, e forçou homens e mulheres a trabalhos extremamente pesados, sob ameaças de castigos violentos. Para as mulheres negras, além do racismo, havia também as questões com o sexismo, como constatamos na afirmação de Lélia Gonzalez, *apud* June E. Hahner⁵:

A escrava de cor criou para a mulher branca das casas-grandes e das menores condições de vida amena, fácil e na maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências [sexuais] do senhor (Gonzalez, 2020, p.81).

³ Podemos “caracterizar o racismo como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial. Enquanto discurso de exclusão que é, ele tem sido perpetuado e reinterpretado de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam” (Gonzalez, 2020, p. 55).

⁴ Podemos definir sexismo como o conjunto de preconceitos e discriminações baseado no gênero ou sexo de uma pessoa. Ele se manifesta através de estereótipos que impõem papéis sociais, comportamentos e habilidades específicas, colocando um gênero em posição de superioridade ou inferioridade em relação ao outro.

⁵ *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

O sistema escravocrata não poupou a mulher preta em sua totalidade: além do trabalho pesado, foi a ela incumbida a tarefa de cuidar de seus irmãos de cativeiro, ser mãe de leite e cuidar da educação dos filhos dos seus senhores, enquanto se organizava em rebeliões e movimentos de resistência. Os estereótipos de passividade, infantilidade, uma aceitação tranquila da escravidão, difundidos a respeito do povo negro, de maneira alguma representa a mulher negra que resistiu, organizando-se em quilombos; estimulando os seus companheiros para a fuga ou para a revolta; praticando o infanticídio, para libertar as crianças negras de sofrimento; cometendo suicídio para não ceder aos maus-tratos e à violência sexual; contando as suas histórias para os filhos dos seus senhores, difundindo a nossa cultura em uma forma de resistência. Assumem, assim, em várias esferas, e por vezes de forma bastante silenciosa, posições de poder e dominação sobre outras pessoas.

O período da escravidão durou cerca de 300 anos, e após a abolição, nos anos iniciais, coube à mulher negra lidar com as consequências desse longo período: continuar servindo os brancos para sobreviver e estruturar a sua comunidade para que esta sobrevivesse. Além do trabalho de força na casa da patroa, precisava cuidar da própria casa, adiantar os serviços caseiros, cuidar e educar os filhos, distribuir as tarefas, garantir o sustento de todos. Livres das correntes, mas prisioneiras do racismo, da miséria, marginalizadas, vítimas do machismo. A primeira que se levanta, a última que descansa. Nada diferente dos dias atuais, basta uma visita a qualquer comunidade, em qualquer cidade do país, o cenário é muito igual: “[...] delineia-se a intenção de escamotear a situação de miséria e desamparo em que ela se encontra, além do interesse em aparentar a inexistência da discriminação racial no Brasil” (Gonzalez, 2020, p. 41).

A busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres pelo mundo – sob a denominação de Feminismo – acontece à época da Revolução Francesa (1789), quando foi publicada a Declaração do Direito do Homem e do Cidadão. No Brasil, no início do Período Republicano, as mulheres eram mão de obra nas indústrias, e pediam melhores condições de trabalho e de salário, direito ao voto, liberdade de tomar as próprias decisões sem a participação do marido.

Podemos então neste momento definir *feminismo* como um movimento de cunho filosófico, ideológico, social, político, liderado por mulheres que

reivindicam a igualdade de gêneros, que lhes garanta dignidade e respeito, além de permitir maior e efetiva participação na sociedade, extinguindo uma cultura de princípios e práticas sexistas – ou seja, a discriminação de gênero e imposições de estereótipos de gênero – e, consequentemente, o patriarcado, principal modelo de organização social centrado em uma dominação masculina, e, consequentemente, na subjugação feminina.

Mas, ao trazermos essa definição para a nossa realidade, para as mulheres brasileiras, entendemos que a organização plural da nossa sociedade, composta por mulheres diversas, precisa ser desmembrada e enriquecida para que as lutas antissexistas alcancem de forma homogênea a todas as mulheres. Historicamente, as pautas feministas, em seu início, se consolidaram visando a elite branca brasileira, levantando questões de gênero e sexualidade, desconsiderando as questões de raça:

No Brasil [...] considerando que a história do desenvolvimento do país se deu por meio da colonização, marcado por um sistema patriarcal e escravocrata, enquanto as mulheres brancas já se articulavam nos movimentos feministas [...], as mulheres negras [...] eram propriedade privada, e tentavam se unir em luta por enfrentamento e resistência diante de múltiplas opressões e crueldades, não só advindas do sexismo, mas também do racismo, reivindicando o reconhecimento como seres humanos (Martins, 2023, p. 44).

Para lidar com as questões do sexismo, nós, mulheres pretas, precisamos superar os efeitos causados pelo racismo, combater a miséria e o esquecimento, e ainda pontuar às demais mulheres quais as especificidades da nossa raça na luta por direitos iguais. Somos mulheres, mas somos mulheres pretas! O nosso feminismo é um feminismo negro, com pautas que atendam às nossas demandas.

Sendo assim, os movimentos específicos de mulheres negras começaram a ganhar força no Brasil no final da década de 1970, oriundos dos movimentos formados por homens negros, nos quais as mulheres ocupavam um lugar de pouco destaque. As pautas identitárias discutidas para homens negros não eram suficientes para a resolução dos problemas das mulheres negras. As interconexões e as intersecções entre os movimentos feministas – liderado por

mulheres em sua maioria brancas – e os movimentos negros – liderado por homens, ampliaram a necessidade dos estudos interseccionais. A perspectiva da interseccionalidade alicerça o feminismo negro. Para Collins e Bilge:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins e Bilge, 2021, p.15).

Reafirmada como ferramenta analítica, a interseccionalidade contribui para enfrentar problemas complexos que atravessam a realidade social. Sua importância está em questionar visões simplificadoras e ampliar a compreensão sobre as desigualdades: não existe uma única história legítima ou universal; nem todos são tratados de forma igual perante a lei; os valores da cultura branca e ocidental não são os únicos referenciais possíveis. Como afirma Lélia Gonzales:

Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento (Gonzalez, 2020, p.131).

Nesse sentido, os estudos interseccionais oferecem bases para que o feminismo negro desenvolva estratégias mais precisas e eficazes no combate às desigualdades e ao embranquecimento cultural.

Concluimos este capítulo reiterando que a luta das mulheres negras por seu espaço é válida, complexa, evoluímos bastante, estamos mais fortes, temos mais espaços para falar, podemos nos posicionar. Há leis que nos protegem – nem sempre dão conta deste feito –, não estamos mais tão sozinhas, mas precisamos evidenciar o quão vulnerável é a vida de uma mulher preta, uma vez que toda a engrenagem do sistema capitalista – fundado e estruturado no racismo e no sexismo – favorece o extermínio desta população. A intersecção de

raça, gênero e classe social favorece essa estrutura capitalista e exige de nós, mulheres pretas, atitudes mais firmes, escolhas mais conscientes, posicionamentos mais transparentes, reflexões e problematizações que questionem os comportamentos já estabelecidos e perpetuados. A resistência é um caminho longo e que precisa ser pavimentado e trilhado todos os dias. A colonialidade é ainda bastante atual – e com o avanço da extrema direita nas últimas eleições, bastante presente nos discursos de ódio –, porque está ligada à interseccionalidade: raça, gênero e classe social:

[...] Pessoas de todas as partes do mundo estão enfrentando questões sociais novas e sem precedentes no que tange ao meio ambiente, aos direitos reprodutivos das mulheres, ao ressurgimento da extrema direita no campo político, à segurança alimentar, ao militarismo, à migração (Collins e Bilge, 2021, p. 11).

Os atos de resistência precisam ser exercícios educadores, que nos coloquem em uma posição de subjetividade mais livres. Na colocação de bell hooks: “[...] o pensamento e o comportamento de autodesprezo e autodesvalorização compartilhados entre pessoas negras, são elementos que movem as engrenagens de ideologia supremacista branca” (hooks, 2019, p. 17).

Este estudo incentiva a nós, mulheres pretas, como sujeitos políticos, ativos e capazes de transformar a realidade, a nos apropriar do conhecimento e da história, além de ressignificar as representações da negritude com orgulho. Assim como Elza Soares, que propõe também um compromisso com a resistência e com o fortalecimento de outras mulheres em seus próprios processos de resistência. A arte e a representatividade são fenômenos que movimentam essa engrenagem para o nosso lado, provocando uma reflexão, uma transformação e uma aceitação. A escolha por Elza Soares é a minha forma de resistir. Ela me ensinou a não me odiar, não me calar, a me reinventar, que a contagem do tempo é subjetiva, e a entender quais foram as forças que me arrastaram para lugares que eu não queria ir, e quais foram as forças que me colocaram em pé de novo, no lugar que eu pressentia ser meu. Sim, *My name is now!*⁶

⁶ *My name is now!*, é uma frase muito utilizada por Elza Soares e significa “Meu nome é agora”. Também nomeia um dos documentários a respeito de sua vida.

CAPÍTULO 2

ELZA SOARES: O MEU PAÍS É O MEU LUGAR DE FALA⁷

[...] a vida de Elza pode começar a ser contada de qualquer ângulo, porque, como em um universo quântico, todas as suas fases estão interligadas, comunicam-se entre si. Nesta narrativa – que é, acima de tudo, uma grande história oral –, o tempo e a cronologia se confundem e, finalmente, desistem de se impor sobre aquela senhora sentada em um trono de um grande palco [...] (Camargo, 2018, p. 18)

Neste capítulo, será feita uma reflexão sobre a vida e a obra de Elza Soares, compondo, sob a ótica de suas diversidades, um estudo sobre uma intérprete que cantou as suas mazelas, mas também o amor, suas alegrias e as conquistas da nossa emancipação, reinventando-se como mulher e artista preta em seus mais de 90 anos de vida. Enfim, a proposta é apresentar um estudo sobre a vida e a obra desta artista, focando em sua arte como memória e construção de uma identidade cultural.

Dentre tantas questões que perpassam o nascer mulher no Brasil, Elza Soares nasceu em uma das primeiras favelas do Rio de Janeiro, negra, pobre, mulher, filha de pais muito humildes, casou-se ainda criança, precocemente foi mãe, e precocemente perdeu filhos, envelheceu produzindo uma arte posicionada, vivenciando assim a realidade de múltiplas opressões, sentindo na própria pele as responsabilidades familiares e sociais sendo impostas sobre a sua trajetória, os desafios da interseccionalidade desde cedo. Precisou, dessa forma, lidar com as dificuldades impostas pela pobreza, pelo racismo, pelo machismo, pelo etarismo, o que contribuiu de maneiras diversas para formar a sua visão de mundo e sua resistência diante das adversidades. Discorrer sobre sua vida e obra, aguçou a minha percepção sobre o entrelaçamento das questões vividas por mulheres como nós, pretas e pobres, e como há pontes que nos aproximam apesar de evidentemente haver abismos que nos separam, sejam por questões sociais e/ou culturais, seja pela construção de um arquétipo

⁷ Título alusivo à canção *O que se cala*, lançada no álbum *Deus é mulher* (2018), destacando a vivência da cantora como mulher negra, pobre e periférica, o que a legitima a cantar sobre dores e repressões sofridas por todas as mulheres representadas por ela.

que retira o caráter humano daquelas que rompem a barreira do predeterminado, heroínas de uma história duramente escrita.

Detentora de uma trajetória extraordinária, Elza Soares foi-se descobrindo como uma mulher negra enquanto avançava como intérprete, para, em sua última obra, despontar como compositora, dona de suas ideias e voz potente na luta contra o racismo e o sexismo. A vida de Elza Soares se revela como um processo de autodescoberta e afirmação, tanto de sua identidade quanto de sua voz artística.

Dessa forma, entendo que talvez seja essa a contribuição mais significativa de sua obra, que repercute e ressoa de forma bastante sutil, apesar da força que tem: Elza Soares – assim como muitas de nós – precisou “embranquecer” para ser aceita em determinados ambientes e círculos profissionais. Uma exigência cruel, e não apenas uma adequação estética ou comportamental, um reflexo das tantas pressões históricas e culturais que permeiam a vida daquelas que tentam romper as barreiras sociais em busca de reconhecimento. Da leitura de bell hooks, trazemos a seguinte contribuição:

Muitas mulheres negras de sucesso aprenderam que, para serem aceitas nos círculos profissionais e sociais dominados por brancos, precisam adotar uma persona que mascare sua realidade e herança cultural. Esse processo de repressão e assimilação forçada causa uma profunda alienação de si mesma (hooks, 2021, p.112).

Ainda, na mesma linha de raciocínio, e complementando o que aqui trazemos para a discussão, a contribuição de Larissa Papas Nogueira Martins:

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (Martins, 2023, p. 62).

No entanto, a trajetória de Elza Soares não se limitou a uma mera adaptação, enquanto avançava e se reposicionava como uma artista respeitada, assumiu de forma bastante contundente a sua identidade de mulher preta. Sua

arte acompanhou a sua vida, cresceu com ela e com os posicionamentos que tomou, ecoou a força de suas escolhas e decisões, estampou o seu rosto nas pautas identitárias, reafirmou o seu papel de referência para outras mulheres, e essa é a questão central desse capítulo: estabelecer a legitimidade de fala da artista, através de sua “artevivência”.⁸ Nas assertivas palavras de Luciana Barreto e Beatriz Schmidt:

Elza narra as histórias – as suas e as dos outros – por meio de sua voz. A sua voz é texto [...], é escrita, é artevivência. As improvisações e a exploração de variados recursos vocais vertem-se em verdadeiros instrumentos no sentido de contar a história do povo negro, narrando o sofrimento e a luta, e, ao mesmo tempo, de cantar histórias tanto do encantamento de amor quanto da dor e do amor (Barreto e Schmidt, 2022, p.7).

Elza Soares cantou o que viveu. Senhora absoluta de um talento nato, instintivamente – como é comum às pessoas habilidosas e corajosas – sabia que estava predestinada a uma trajetória grandiosa.

Mesmo quando ajudava a mãe a carregar as pesadas latas d’água na cabeça, encontrava momentos para se distrair, descobrindo sua potência vocal e o caminho que percorreria para escrever o seu nome na história do feminismo negro. Nas palavras da própria cantora, na biografia escrita pelo jornalista Zeca Camargo, a primeira vez que ouviu uma cantora na rádio, sabia que era esse o seu destino,

[...] ‘Eu queria muito cantar e ela [Malvina, a sua irmã] me mandava calar a boca, dizia que o que saía da minha garganta era uma aberração que ia assustar as pessoas’, completa Elza. Mas o sonho dela era mais forte que as pirraças da irmã. Ouvia aqueles deuses e deusas do rádio – e sabia que queria aquilo para o seu futuro (Camargo, 2018, p. 26).

Mas os caminhos iniciais foram outros, marcados por profundas dificuldades e inúmeras imposições sociais. Obrigada a se casar ainda adolescente, tornou-se mãe muito jovem e, pela necessidade de sustento,

⁸ Termo adaptado às outras artes, além da escrita, com características semelhantes ao conceito de escrevivência, cunhado e usado de forma constante pela escritora Conceição Evaristo, que funde “escrever” e “viver”, definindo uma escrita baseada nas experiências de vida, memória e ancestralidade dos povos negros, especialmente das mulheres.

arrumou emprego em uma fábrica de sabão. Enfrentou a morte de um filho e uma terceira gestação inesperada, obrigando-a a entregar esse terceiro filho para os padrinhos criarem. Entre o casamento precoce e a gestação de seis filhos, já temos – aliada à pobreza que atinge a maioria das mulheres negras em nosso país – a primeira grande batalha da cantora contra o sexismo. Obrigada a se casar com um homem bastante abusivo – para “lavar a honra” de um pai que supostamente sentiu-se desonrado, sem prova alguma dessa desonra –, Elza foi violentamente golpeada por um casamento bastante infeliz, pautado pelo racismo, pela violência de gênero, pela infância roubada.

Muitas perdas e dissabores afetaram a vida da artista, reforçando todas as adversidades e toda a resiliência que fazem parte da trajetória de uma mulher preta em nosso país. Mas, paralelo a isso tudo, Elza acreditava em uma outra possibilidade de vida, alimentava o sonho de viver de música, o que a levou a participar do programa de calouros de Ary Barroso, porta de entrada para muitos artistas que desejavam construir uma carreira musical. A apresentação⁹ fora marcada por situações constrangedoras e racistas, desde as péssimas roupas que vestia, as risadas no auditório, as poucas palmas solitárias, até o silenciamento após cantar lindamente e receber nota máxima do apresentador, conhecido por sua ironia e sua extrema exigência na seleção dos candidatos. Ganhar um elogio e a nota máxima de Ary Barroso significou mais do que uma aprovação na carreira: foi a chance de Elza aliviar a escassez em sua casa, amenizar a fome por algum tempo e começar a trilhar um caminho profissional na música, mesmo diante da descrença inicial, “depois do programa do Ary Barroso, eu achava que minha carreira não ia dar em nada, porque eu não tinha onde cantar” (Camargo, 2018, p.75). Mas Elza insistiu, intuitivamente sabia que não havia outro caminho para ela, além do sonho, havia o sustento dos filhos, que dependia do seu trabalho. A carreira era uma possibilidade de uma vida menos sofrida.

Pouco tempo depois desta primeira apresentação, respondia sozinha pela criação dos filhos, os deveres na sua casa, e conciliava um trabalho como empregada doméstica com as apresentações como membro de uma orquestra,

⁹ Para essa apresentação, Elza escolheu cantar a música Lama (Paulo Marques e Ailce Chaves), uma canção muito triste, de uma falta de autoestima, o que representava muito o que ela sentia por dentro.

na década de 1950. Elza era constantemente proibida de se apresentar, muitos não toleravam uma mulher negra ao microfone. O racismo não era discutido no país, havia o mito da democracia racial.¹⁰ Por um instinto forte de sobrevivência – e não cantar representava não dar comida para os filhos –, a artista não aceitou essa imposição, subiu ao palco e cantou lindamente, deixando a plateia extasiada com o seu talento. Interessante ressaltar que muitas vezes a necessidade obriga nós mulheres pretas a transpor obstáculos que, uma vez vencidos, nos elevam à categoria de heroína, uma mulher atrevida. Sobre ocupar espaços não destinados às mulheres pretas, Lélia Gonzalez nos ensina

Toda atividade que signifique lidar com o público “seleto” exclui a trabalhadora negra [...] Secretária, recepcionista de grandes empresas, balconista de boutique elegante, comissária de bordo, etc e tal, são profissões que exigem contato com o tal do público “exigente” (leia-se racista) (Gonzalez, 2020, p.18).

Elza Soares nunca aceitou se esconder, aquilo que não podia ser dito ou escrito, era cantado pelo Brasil e pelo mundo também. Após perder o seu pai e ficar viúva – o que para ela fora um grande alívio –, enfrentou as marcas das violências sofridas durante o seu casamento. Sem a presença do marido e com três filhos, a prioridade era sustentá-los. Mesmo após uma carreira internacional bem-sucedida, conciliava empregos formais com apresentações informais, em rádios e bares. Uma profissão para a artista, mas um desconforto para a sua mãe e seus filhos, que não enxergavam a cantora como uma trabalhadora. Havia muito preconceito com as artistas da noite, mais uma demonstração da construção machista que acompanha mulheres que ousam se destacar em um ambiente diferente do esperado, um espaço destinado a homens brancos.

Gravar um disco seria o reconhecimento do talento e a profissionalização fora das esferas da noite, mas era algo impensável para uma mulher preta e Elza havia sido rejeitada por diversas vezes, apesar do enorme sucesso que já

¹⁰ O mito da democracia racial é uma construção ideológica que sustenta falsamente que o Brasil é um paraíso de harmonia inter-racial, livre de racismo estrutural devido à miscigenação. A ideia disfarça conflitos raciais, oculta desigualdades e perpetua a manutenção do poder nas mãos da branquitude, ocultando a violência do processo de colonização e escravidão. Lélia Gonzalez desconstruiu o “mito da democracia racial” no Brasil, definindo-o como uma forma de racismo disfarçado que nega desigualdades estruturais através da falsa ideia de harmonia racial e miscigenação. Ela argumentou que esse mito, construído pela elite, serve para ocultar a dominação, inferiorização e violência contra a população negra, perpetuando o racismo sob o disfarce de “integração”.

fazia. “Pensavam que você era branca” (Camargo, 2018, p.115), era o que ela mais ouvia, sem se importar muito, pois ainda não havia uma discussão sobre racismo, seus impactos, e como combatê-lo e acabava sendo comum a nós, mulheres pretas, esse recolhimento a um pequeno espaço de aceitação.

Após muitos e sucessivos não, Elza recebeu um convite para um teste na gravadora Odeon, em 1961. Se *acaso você chegasse*, uma das melhores composições de Lupicínio Rodrigues, já era conhecida há anos, mas a interpretação da cantora garantiu o sucesso estrondoso deste primeiro trabalho. No mesmo álbum, gravou *Mulata Assanhada*, canção de Ataulfo Alves, uma letra que manifesta de forma bem explícita, temas racistas e sexistas. Por cantar esta letra, a própria Elza foi designada como a mulata assanhada¹¹, em profundo desprezo pelo talento da cantora. O segundo álbum, *A bossa negra*, também foi um grande sucesso. Com este trabalho, Elza ganhou fama, dinheiro, reconhecimento, mas ainda não havia a marca da artista que protestava abertamente, apesar de ser fácil reconhecer que sua trajetória era de enfrentamento, faltava a consciência do seu tamanho e do que ainda iria representar.

Conheceu Mané Garrincha, casado, famoso jogador, e com ele viveu um casamento longo, conturbado, que expôs ainda mais todas as adversidades que sofre uma mulher preta, em circunstâncias adversas e de forma bastante emblemática. Destruidora de lares, oportunista, interesseira, aventureira, amante, todos os xingamentos sexistas e racistas possíveis foram a ela imputados. Teve a sua carreira prejudicada, apanhou, foi ameaçada de morte, precisou mudar de casa diversas vezes, enquanto Garrincha era ovacionado por suas habilidades como jogador. Ele, na verdade, álcoolatra e falido. Ela, uma estrela em ascensão, que sustentava toda uma família e sobrevivia a todas as situações desagradáveis que cercavam esse casamento. Em meio a essa relação turbulenta e uma ascensão profissional, Elza Soares apela a procedimentos estéticos e cirúrgicos, em uma tentativa de achar qual era o seu lugar em meio a isso tudo. Em suas palavras, na biografia escrita por Zeca Camargo (2018, p. 178), “eu acho que no fundo, essas operações todas, desde

¹¹ Por vezes, Lélia Gonzalez (2020), discute os estereótipos das mulheres negras, que pautados no período colonial e escravocrata, designavam às mulheres negras funções sociais como mulata, doméstica e babá.

o início, era eu procurando meu lugar. Eu não me achava, ou melhor, não me queriam”. Em bell hooks,

A cultura racista e sexista dominante estabeleceu um padrão de beleza que exigia que as mulheres negras mudassem sua aparência para se aproximar o máximo possível das mulheres brancas. O alisamento do cabelo e o clareamento da pele tornaram-se rituais de sobrevivência, formas de obter aceitação em um mundo que punia a identidade negra (hooks, 2019, p.146).

Em sofrimento, com a autopercepção abalada, projetava suas emoções de forma desconexa, anos depois reconheceria a sua fragilidade e a solidão, lugar tão conhecido por mulheres pretas, que não se reconhecem na própria pele,

Eu tinha um sonho de um pássaro que cantava sozinho e era, ao mesmo tempo, um anjo negro. E aquele pássaro se sentindo rejeitado, começava a procurar uma identidade, o que ele era, sua verdadeira cara. Em cada ninho que ele chegava, ele era enxotado, era um anjo negro, como eu disse, um pássaro que cantava muito. E por ter esse dom, incomodava os demais cantores [...] “Meus cabelos pretos e duros eram as penugens dele, e por isso ninguém queria chegar perto desse pássaro negro”. Mesmo com uma voz tão poderosa e sedutora, com o reconhecimento do talento, que finalmente tinha alcançado, Elza ainda se sentia uma mulher à parte (Camargo, 2018, p.179).

Ajustada forçadamente à estética branca, casada com um ídolo do esporte em decadência, trabalhadora dedicada à sua carreira, em uma tentativa de manter o que fora conquistado – traço observado em mulheres pretas, o empenho redobrado – Elza Soares vivenciou todas as experiências que um dia sonhara, com a lata d’água na cabeça, enquanto ajudava a sua mãe: a fome não era mais uma realidade, ela podia sonhar e viver o que queria. Mas mesmo sendo assim, apesar de sua fama, e de uma felicidade quase clandestina, com estruturas frágeis e exaustivas, que mantinham a família unida, havia uma bonita história sendo escrita, havia uma protagonista em cena, ela começava a se reconhecer como uma voz potente em meio à multidão. Um dia antes do Golpe Militar de 1964, participou de um comício para Jango, e anos depois concluiu,

[...] eu nem precisava fazer discurso político. Eu acho que eu já deixava todo mundo constrangido simplesmente por ser quem eu sou. (...) Eu já tinha noção de que trazia uma coisa muito forte comigo. (...) Bastava eu falar de mim, dizer quem eu era. Acho que só isso já criava um desconforto – minha história, favela, barraco, lata d'água na cabeça, mãe lavando roupa (Camargo, 2018, p.192).

Respeitada por seu trabalho e pelos seus posicionamentos, a prosperidade havia chegado para ficar na sua vida, mas nada fazia Garrincha parar de beber. Promessa feita para esse fim, Elza raspou a cabeça e se apresentou assim. A polêmica foi grande, Garrincha não parou de beber, mas a cantora gostou do que viu no espelho, uma autoestima bem mais alta do que daquela Elza que “acertou” seu nariz em uma plástica.

Aos longos dos anos com Garrincha, especialmente depois de uma temporada na Europa e de volta ao Brasil – vários sucessos e uma gravidez com o jogador –, Elza viu o seu amor pelo marido se transformar em pena. Ela não era mais a mesma mulher. Terminar aquele casamento foi a atitude mais corajosa que havia tomado até então. Precisava se reconectar com a sua vida e a sua história,

Foi então que Elza descobriu o espelho. “Sozinha com meu filho, num banheiro úmido de um apartamento apertado na Barata Ribeiro, eu olhei pro espelho e disse: Eu tô viva! Era isso que eu precisava ouvir de mim mesma: que eu existia, que eu podia me perguntar o que eu queria fazer da minha vida”. Desde então, esse é o exercício que ela nunca deixou de fazer (Camargo, 2018, p. 269).

A partir deste momento, de separação e de um encontro simbólico com sua imagem, Elza vai vivenciar momentos de angústia e de indecisão profissional, mas sempre com interrogações importantes de serem colocadas, e respondidas com reticências e sem retroceder. Após a morte de Garrincha, ela acaba sendo cada vez menos requisitada para cantar, trabalhando em lugares bastante insalubres, levava comida para casa e via o sonho da carreira mais uma vez desfeito. Em um desabafo com o amigo Caetano Veloso, acabou ganhando de presente a música *Língua*, gravada em 1984, com a parceria do próprio cantor. O sucesso foi enorme, a letra trazia a força da voz da cantora, as marcas

da sua história: “A língua é minha pátria / e eu não tenho pátria, tenho mátria / e quero fráttria”.¹²

Tudo, menos coitadinha. Esta personagem ela nunca aceitou, nunca se deixou derrubar. O mais próximo que chegou em sucumbir, foi com a morte de seu filho caçula, fruto do casamento com Garrincha, como vemos em seu depoimento para Zeca Camargo,

Eu morri. Ou melhor, eu disse para mim mesma que tinha morrido – eu era uma Elza que eu queria enterrar. Estava em uma tristeza profunda que não via mais nada, era só vazio. Fazia amizade com todo mundo que pudesse me levar às drogas. Eu ia com quem subisse o morro comigo (Camargo, 2018, p. 298).

Sem condições emocionais para dar continuidade à sua carreira, Elza se muda para os Estados Unidos, luta contra os sintomas depressivos, vivendo um isolamento forçado, um período para a cura. Mesmo distante dos palcos, grava com Lobão, *A voz da razão*¹³. O trabalho sempre foi o seu refúgio. Quando retorna ao Brasil, na década de 1990, grava discos, retoma a agenda de shows, até sofrer um acidente na casa de shows Metropolitan. A queda do palco trouxe consequências sérias: uma cirurgia, o uso de colete ortopédico e as dores que iriam acompanhá-la por toda a vida.

Eleita a “Cantora do milênio”, pela BBC de Londres, regrava a música *A Carne*, presente no álbum “Do Cóccix até o Pescoço” (2002), canção que marca o engajamento social definitivo da cantora com a cena eletrônica e com as lutas por igualdade. Ela sabia o que queria,

[...] “a carne” é forte, mas não tinha tido grande repercussão. Eu não achava que era música só para um grupo de pessoas ouvir. Era para todo mundo abrir bem o ouvido e me escutar gritando que a carne mais barata do mercado era a carne negra. Mais do que nunca, eu sabia o que eu queria (Camargo, 2018, p. 317).

¹² Lançada por Caetano Veloso em 1984 no álbum *Velô*, a canção *Língua* é uma ode ao idioma português. Marcada por uma fusão de samba, funk e elementos falados, a faixa conta com a participação icônica da cantora Elza Soares e celebra a diversidade e a identidade cultural brasileira. Disponível em www.youtube.com

¹³ *A Voz da Razão* é uma canção de rock composta por Lobão e Bernardo Vilhena, lançada em 30 de março de 1986 no álbum *O Rock Errou*. A gravação original conta com a participação especial da icônica cantora Elza Soares. Disponível em www.open.spotify.com

Depois de grande repercussão, Elza Soares parte para a gravação daquele que seria um dos trabalhos mais emblemático de sua carreira: *A mulher do fim do mundo*. A hora de sacudir tudo, mais uma vez, estava próxima. Abusada e atrevida, cantou os negros, os gays, as pancadas da vida, a violência das periferias. Não poupou críticas sociais e nem a sofisticação que o trabalho pedia: depois de tantos anos, um trabalho inédito, sucesso de público e crítica. Em 2015, após apresentar este trabalho em dois grandes shows, um em São Paulo, outro no Rio de Janeiro, o álbum começou a ser indicado para vários prêmios. Elza não se apresentava mais em pé, a degeneração de seus movimentos acontecia ao vivo, nos palcos, e, aos poucos, a lenda encontra o seu lugar de destaque, central, um trono para a rainha da música, um som que ecoava pelo Brasil, chegava ao Central Park,

A pele preta e a minha voz / Na avenida, deixei lá / A minha fala, minha opinião / A minha casa, minha solidão / Joguei do alto do terceiro andar / Mulher do fim do mundo eu sou e vou até o fim cantar / Cantar / Me deixem cantar até o fim... (A mulher do fim do mundo, 2015).

Com uma facilidade impressionante, Elza gravou o seu próximo trabalho, *Deus é mulher*, em pouquíssimas semanas. Convicta de seu papel como artista, dona de uma discografia com 81 lançamentos, ousou falar o que quis, como quis, influenciar a cabeça das pessoas para pensar o feminismo negro era o seu objetivo principal.

A par de todas as expectativas, reestruturando os alicerces da vida como mulher preta, Elza subverte tudo que esperam dela e canta os sentimentos, a sexualidade, as inquietudes e as vivências negras, a intolerância a serviço da fé, as relações e a liberdade, o sofrimento. Senhora absoluta de seu tempo, traz neste trabalho toda a sua história de luta e marcas. “Racismo? A gente enfrenta todo dia. Tem que gritar mesmo” (Camargo, 2018, p. 371).

A partir deste momento, Elza Soares traduz a sua história com uma palavra: dignidade. Respeitada pelas novas gerações, senhora absoluta de suas conquistas, a artista marca o seu nome na história do feminismo negro e na luta pelas minorias.

Respeitando a cronologia, será deixada a discussão de seu último álbum, póstumo e objeto deste trabalho, para o próximo capítulo. Este concluímos aqui,

reconhecendo a importância da cantora na arte, mas principalmente na contribuição do que é ser negra em nosso país. De Neusa Santos Souza *apud* Larissa Papas Nogueira Martins trazemos a definição mais pertinente sob esse aspecto,

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio [...] saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (Martins, 2023, p.57).

Elza Soares percorreu um longo caminho, vivenciou dores profundas e transformadoras, enfrentou o racismo, o sexismo, o etarismo. Produziu uma arte conectada com o seu tempo e com as suas transformações, uma arte que ofereceu muito mais que entretenimento, mas uma reflexão política e social, uma das vertentes de se produzir arte. Reinventou-se inúmeras vezes, e, em uma transfiguração de si mesma, incorporou a mulher do fim do mundo, escolheu seu repertório, seus amores, seus amigos, seu figurino, e cantou o que quis, quando quis, e com quem quis – até o fim.

CAPÍTULO 3

NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA¹⁴

Pensar sobre este trabalho de Elza Soares requer aprofundamento não apenas nos estudos das letras e das melodias, mas também em sua interpretação única, a potência e o timbre firme de sua voz, sua assinatura artística em quase todas as composições. Cada elemento – desde a forma como canta até as decisões sobre com quem cantar – revela o cuidado e o envolvimento de Elza na construção de um trabalho musical singular e profundamente enraizado na experiência de ser mulher preta no Brasil. As anotações que a artista fez em um pequeno caderno, ideias soltas, citações e pensamentos, anotados por décadas, transformaram-se nas composições que integram o repertório deste álbum.

Dona de um timbre inconfundível, premiada como uma das maiores intérpretes do país, apresentou uma nova dimensão de sua arte, assumindo o papel de compositora. Queria dar voz às mulheres – um pedido genuíno e inegociável antes mesmo de iniciar a produção. Elza interpretou dez canções inéditas, todas escolhidas por ela e compostas em parcerias com mulheres como Rita Lee, Dona Ivone Lara, Pitty, Isabela Moraes e Josyara. Negritude, empoderamento feminino, preocupação com um futuro, enfrentamento contra o preconceito e suas inúmeras formas de violência, aliados a uma voz marcante, eternizam a cantora em sua melhor forma, em seu melhor desempenho.

Nas palavras do seu empresário, Pedro Loureiro, o álbum foi idealizado para ser “um conceito, é uma peça, que você dá o play e escuta até o fim. Tem uma história por trás. Quando você ouvir inteiro vai entender o que Elza quis passar, e não nos últimos anos, ou dois anos, mas sim nas últimas décadas”.¹⁵

Com um trabalho de produção impecável, arranjos sofisticados de sopros e cordas, percussão na medida certa, o álbum segue essa sonoridade atualíssima até o fim, evitando um tom melancólico e sofrido, apesar das temáticas pesadas sobre a miséria e o racismo. Aliando samba, funk, e com

¹⁴ Título do álbum póstumo, lançado em 23 de junho de 2023, data em que Elza Soares completaria 93 anos, objeto central deste estudo.

¹⁵ *No tempo da intolerância*, entrevista disponível em www.brasildefato.com.br Acesso em 03 mar. de 2026

pequenos recados sonoros em meio aos arranjos perfeitos, os fragmentos da vida de Elza Soares surgem em toda a obra, repleta de frases de efeito e de um clima que lembra os clássicos álbuns de hip hop.

Finalizado cinco dias antes da sua morte, o álbum é um grito por justiça e coroa a carreira de uma das artistas mais importantes na luta por igualdade. A mulher do fim do mundo, representante de uma figura de força, resistência e reinvenção, cantou e resistiu até o fim, transformando a sua dor em arte, e arte da melhor qualidade.

3.1 IDENTIDADE VISUAL

A capa de *No Tempo da Intolerância* tem ilustração e arte criadas por Pedro Hansen a partir de uma foto de Pedro Loureiro e mantém a estética visual forte e simbólica dos álbuns anteriores (*Deus é mulher*, *Planeta fome*), consolidando a imagem de Elza como uma mulher forte, uma rainha e sua coroa majestosa, atenta e altiva diante da realidade brasileira, ocupando o centro da capa e das discussões, protagonista absoluta de sua arte. A arte visual conversa com o tema do álbum, que traz um repertório autoral, feminista e de crítica social.

Os nomes das dez músicas que fazem parte do álbum, gravadas entre julho de 2021 e janeiro de 2022, pela gravadora Deck, estão expostos, formando uma moldura. A iluminação e o estilo visual, com escolhas de cores mais sóbrias, em tons mais introspectivos – em contraste com capas mais coloridas – reforçam as cores dos discursos autoritários, da hostilidade e do isolamento social impostos pelas diversas formas de preconceito.

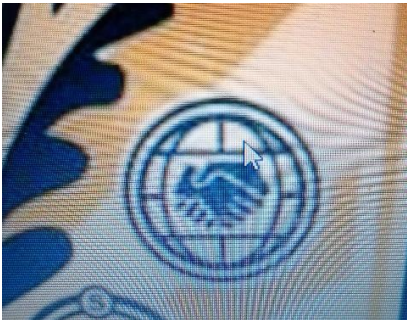


www.sohit.com.br



Pequenas imagens – formas poderosas de linguagem simbólica, que transcendem a fala – estão espalhadas pela capa, expressando sentimentos e comunicando mensagens que são importantes para a compreensão de todo o trabalho:

	Figura 1: o nome de Elza Soares dentro de uma estrela de cinco pontas, uma possível referência à mesma estrela que aparecia no cartaz de <i>É tudo Juju-Frufrú</i>, sucesso estrelado em 1958 no teatro de revista.
	Figura 2: imagem que sugere a importância da responsabilidade ambiental, cuidado com o planeta, sustentabilidade.
	Figura 3: Uma imagem que sugere uma Bandeira das Nações Unidas, mas tendo a África como centro e prioridade.
	Figura 4: Uma imagem com uma corrente rompida significa universalmente liberdade, libertação e a quebra de barreiras ou opressão. A corrente, historicamente associada à escravidão e ao aprisionamento, transforma-se quando partida, representando o fim de um ciclo de restrição e o início da autonomia.

	Figura 5: A imagem de duas bandeiras acenando frequentemente associada a símbolos de rendição ou trégua.
	Figura 6: O símbolo do infinito sobre um arco-íris estilizado, emanando raios, uma aparente referência aos anos 80.
	Figura 7: Símbolo do movimento feminista, representa o empoderamento feminino e a luta pelo direito das mulheres.
	Figura 8: A imagem de um aperto de mãos dentro (ou sobre) um globo terrestre é um símbolo universal que representa cooperação global, comércio internacional, diplomacia e união entre os povos.

3.2 INTERPRETAÇÃO DAS LETRAS

No tempo da intolerância¹⁶

Como dizia Luther King
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
No tempo da intolerância
Acordou com o pé esquerdo
Tem que ir pra Cuba
A camisa do Brasil
É coisa de fascista
Mulher que faz o que quer
É chamada de puta
Homem que casa com homem
É chamado de bicha
Tá todo mundo atirando pedra
Com uma vida cheia de pecado
Cada um fazendo a sua regra
Ninguém mais pode pensar o
contrário
Mas eu apanho de todos os lados
Eles dizem que eu sou polêmica
Como dizia Luther King
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
No tempo da intolerância
Acordou com o pé esquerdo
Tem que ir pra Cuba
A camisa do Brasil

É coisa de fascista
Mulher que faz o que quer
É chamada de puta
Homem que casa com homem
É chamado de bicha
Tá todo mundo atirando pedra
Com uma vida cheia de pecado
Cada um fazendo sua regra
Ninguém mais pode pensar o
contrário
Mas eu apanho de todos os lados
Eles dizem que eu sou polêmica
Como dizia Luther King
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
É só falar o que pensa
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
É só falar o que pensa
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
(É)0
Se você quer um inimigo
É só falar o que pensa
É só falar o que pensa

¹⁶ Composição de Umberto da Silva Tavares, Jeferson Almeida dos Santos Júnior, Elza da Conceição Soares e Pedro Rosa Loureiro. Disponível em <https://pro-web.musixmatch.com/pro>

Pela complexidade do trabalho, decidimos apenas pela análise das letras, sem um aprofundamento na composição das melodias¹⁷

Em *No tempo da intolerância*, Elza Soares faz uma dura reflexão sobre o tempo, embasada sobre um discurso de denúncia. A música apresenta-se como um espaço de resistência simbólica e educativa, em tempos de intolerância, discursos inflamados de ódio e forte polarização política.

Ao referenciar Luther King, logo no início da canção, Elza Soares apresenta a sua questão maior: a luta contra a discriminação racial e o fim da segregação, bandeira que a acompanhou, de formas bem diversas, durante toda a sua carreira.

E segue, propondo uma reflexão:

A camisa do Brasil / É coisa de fascista

Diversas pessoas – em sua maioria, eleitoras de Jair Bolsonaro – costumavam participar de manifestações públicas, apropriando-se da camisa verde e amarela, como um uniforme, dissipando discursos racistas, homofóbicos, machistas. Atitudes essas percebidas por intelectuais brasileiros e militantes de esquerda, e classificadas como “fascistas”¹⁸.

Seguindo, com uma crítica escancarada ao machismo – que julga e condena mulheres a partir de um comportamento considerado inadequado –, e contra a homofobia, que expõe e mata pessoas, de forma bastante violenta, todos os dias,

Mulher que fala o que quer? É chamada de puta

Homem que casa com homem / É chamado de bicha

Seguindo com a letra,

¹⁷ Para a compreensão de nossa escolha, vamos definir Letra como o texto da música, as palavras que são cantadas. Melodia é a sequência de notas musicais que define como a música soa.

¹⁸ O termo "fascista" tem uma carga histórica significativa e é frequentemente usado para descrever uma pessoa ou um sistema político que adota características associadas ao fascismo. O fascismo é uma ideologia política autoritária, ultranacionalista e antidemocrática que surgiu na Europa no início do século XX, especialmente na Itália sob o regime de Benito Mussolini.

Tá todo mundo atirando pedra / Com uma vida cheia de pecado

Critica os hipócritas religiosos – que condenam enquanto cometem os seus erros – não toleram negros, gays, mulheres livres, transferência de renda, políticas públicas, mas toleram e justificam a violência que é destinada a estes grupos específicos.

Um hino de enfrentamento à intolerância e à desigualdade, marca registrada da vida e da obra da cantora, uma contribuição simbólica e de forte apelo sobre tempos sombrios.

Se você quer um inimigo / É só falar o que pensa

Versos que traduzem o posicionamento de Elza Soares e a sua legião de amigos – e inimigos, todos com nome e sobrenome.

Feminelza¹⁹

Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Você sabe o que é nazi?
Pesquisou pra opinar?
Ou só repetiu, feito papagaio, aquilo
que ouviu por aí falar
É que as fêmeas da espécie
querem espaço para exercer

O vasto potencial que nos foi
tomado de ser
Respeite esse corpo que dele sai
gente
Que sangra sem morrer
Respeite esse corpo, ele não lhe
pertence
Feminino corpo vai prevalecer
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Quem você pensa que é pra dizer a
alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a

¹⁹ Composição de Pitty, disponível em <https://pro-web.musixmatch.com/pro>

alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Respeite esse corpo que dele sai gente
Que sangra sem morrer
Respeite esse corpo, ele não lhe pertence
Feminino corpo vai prevalecer
Quem você pensa que é pra dizer a alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Quem você pensa que é?
O que ela pode ou não, falar

Quem você pensa que é pra dizer a alguém que pode parir
Onde ela deve ou não deve ir?
Quem você pensa que é pra dizer a alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Quem você pensa que é?
Onde ela deve ou não deve ir
Quem você pensa que é?
O que ela pode ou não, falar
Quem você pensa que é?
Onde ela deve ou não deve ir

Na junção das palavras feminino e Elza, *Feminelza* é um manifesto aberto de autonomia e resistência femininas, talvez a letra mais feminista interpretada pela artista. Um questionamento direto, com perguntas bastante incisivas, discute as imposições sociais, religiosas e morais que tentam controlar os corpos das mulheres²⁰ e questionar as suas escolhas. Com versos que exaltam a força feminina, e a maternidade,

*Quem você pensa que é pra dizer a alguém que sabe gerar
O que ela pode ou não falar?
Quem você pensa que é pra dizer a alguém que pode parir*

E na condição biológica única e característica do gênero feminino,

Respeite esse corpo (...) que sangra sem morrer

Em sintonia com as ideias de Elza Soares, a canção reafirma a luta pela autonomia e pelo espaço das mulheres, em consonância absoluta com o seu

²⁰ Em sua obra, *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), Silvia Federici argumenta que o surgimento do capitalismo exigiu a expropriação dos corpos e do trabalho das mulheres. O trabalho doméstico e de cuidado foi desvalorizado e transformado em um trabalho não remunerado, essencial para repor a força de trabalho masculina. Para impor esse modelo, o Estado e a Igreja precisaram expropriar a capacidade reprodutiva das mulheres. O controle sobre a gravidez, o aborto e a sexualidade é, portanto, uma forma de o sistema garantir o controle sobre a mão de obra.

histórico ativismo e com a proposta do álbum em discutir temas urgentes do feminismo contemporâneo.

Confrontando o direito de a mulher decidir pela própria vida e pelas próprias escolhas, Elza denuncia séculos de exclusão e faz um convite ao pensamento crítico: muitos discursos são repetidos mecanicamente, sem conhecimento histórico ou uma compreensão das consequências do sexismo em nossa sociedade.

Respeite esse corpo, ele não lhe pertence / Feminino corpo vai prevalecer

Coragem²¹

Quem me vê forte
Não sabe que eu já fui fraca
Quem me vê sorrindo
Não sabe que eu já chorei
Eu nasci pobre, preta, da cor da
noite
Acostumada a ver meus ancestrais
Sofrerem no açoite
Se quem cala consente
A minha boca vai continuar
Sendo uma arma letal
Contra o abuso de poder
Pra gente sair da página policial
Se você é preto
Não se iluda, meu bem
Entre eles e nós
A lei protege quem?
Se você é preto
Coragem, meu bem
Porque o medo da morte
Leva a vida também
Quem me vê forte
Não sabe que eu já fui fraca
Quem me vê sorrindo
Não sabe que eu já chorei
Eu nasci pobre, preta, da cor da
noite

Acostumada a ver meus ancestrais
Sofrerem no açoite
Se quem cala consente
A minha boca vai continuar
Sendo uma arma letal
Contra o abuso de poder
Pra gente sair da página policial
Se você é preto
Não se iluda, meu bem
Entre eles e nós
A lei protege quem?
Se você é preto
Coragem, meu bem
Porque o medo da morte
Leva a vida também
Se você é preto
Não se iluda, meu bem
Entre eles e nós
A lei protege quem?
Se você é preto
Coragem, meu bem
Porque o medo da morte
Leva a vida também
É

²¹ Composição de Elza Soares, disponível em <https://pro-web.musixmatch.com/pro>

É uma das faixas mais política e autobiográfica do álbum. Elza Soares apresenta a sua própria trajetória em um manifesto contra o racismo estrutural, a violência e o silêncio diante das injustiças. A canção começa contrapondo a imagem pública de resistência à experiência íntima do sofrimento:

Quem me vê forte / Não sabe que eu já fui fraca

Ao não apresentar a coragem como ausência de medo ou dor, ela mostra que a força nasce da vulnerabilidade, humaniza uma ideia errônea de força de uma heroína. Segue reafirmando o uso da sua voz como instrumento de luta, uma vez que o silêncio favorece a manutenção das injustiças.

Se quem cala consente / A minha boca vai continuar

Dando voz a quem não tem, a crítica ao sistema de justiça, que não prega uma igualdade formal, distingue brancos e negros, homens e mulheres, vem escancarada, provocando o ouvinte a buscar uma resposta.

*Entre eles e nós / A lei protege quem?
Se você é preto / Coragem, meu bem*

Por fim, a letra faz um resumo do legado artístico da cantora: transformar a sua dor pessoal em denúncia social e em força para as próximas gerações continuarem na luta. Precisamos de coragem para seguir.

Intro: Justiça²²

Um dia eu sonhei que teria um país
melhor
E teria um momento menos cruel do
que aquele de 1970
Que eu conheci muito bem, foi
muito amargo
Então a gente fica muito

amedrontado
Pedindo pra que a gente possa ver
um momento melhor
Mulheres assassinadas, a justiça
por favor
Aonde o negro vai chegar? Aonde a
mulher vai chegar?

²² Composição de Elza Soares, disponível em <https://pro-web.musixmatch.com/pro>

A gente não sabe
É muito duro a gente ficar nessa
Nessa incerteza do amanhã, né
Eu que sou muito otimista
Mas nesse momento eu fico
pensando
Meu Deus, será que a gente não vai
ter um momento melhor
Do que ter que 'tar pedindo
Justiça! Justiça!
Justiça, pelo amor de Deus
Justiça! Num momento cruel
Para que isso não vire estatística
Gentem, pelo amor de Deus, vamos
acordar
Vamos ter consciência na nossa

luta, porque ela não para
Eu nunca disse que a luta tinha
terminado
Muito pelo contrário, eu disse que
nós estávamos vivendo um
momento de luta
E que a luta não tinha terminado,
entendeu
Aqui fica o meu pedido simples,
honesto, de uma mulher lutadora
De uma mulher negra, que sabe
que pra chegar aqui o quanto foi
difícil
Justiça, justiça pra nossa negritude,
pras nossas mulheres
Justiça!

Não se trata especificamente de uma música, mas um manifesto falado, uma espécie de abertura conceitual. Em pouco mais de dois minutos, Elza Soares faz um depoimento pessoal que prepara o ouvinte para todos os temas que virão a seguir. Racismo, violência de gênero, desigualdades e resistências.

Estabelecendo uma relação entre esperança e frustração, Elza propõe uma transformação social que ainda não se concretizou. Mulheres assassinadas, mortes ligadas ao racismo estrutural, injustiças contra as pessoas mais humildes, com poucos recursos para a luta.

*Eu nunca disse que a luta tinha terminado
Justiça, justiça, justiça
Uma mulher lutadora / uma mulher negra*

Apesar de ser a introdução do álbum, achei pertinente colocá-la no fechamento deste trabalho, por entender que ainda estamos distantes da Justiça. Conquistas sociais, das menores às maiores, não significam vitória. Direitos precisam ser defendidos continuamente. O último grande pronunciamento público de Elza Soares sobre o Brasil, as injustiças e a sua vivência e as suas observações fecham este trabalho. E a arte segue cumprindo as suas funções social e política: expressar experiências humanas, preservar a memória, promover a empatia, fortalecer identidades coletivas e estimular reflexão.

3.3 FICHA TÉCNICA

O álbum *No tempo da Intolerância*, foi lançado em 2023 pelo Selo Deck.

3.3.1 Canções que compõem o álbum

1. Intro: Justiça (Elza Soares);
2. No tempo da intolerância (Elza Soares, Pedro Loureiro, Jefferson Junior e Umberto Tavares);
3. Pra ver se melhora (Elza Soares, Pedro Loureiro, Jefferson Junior e Umberto Tavares);
4. Coragem (Elza Soares, Pedro Loureiro, Jefferson Junior e Umberto Tavares);
5. Te quero (Elza Soares, Pedro Loureiro, Jefferson Junior e Umberto Tavares);
6. Rainha Africana (Rita Lee e Roberto de Carvalho);
7. Mulher pra mulher / “A voz triunfal” (Josyara e Elza Soares);
8. Feminelza (Pitty);
9. Quem disse (Isabela Moraes);
10. No compasso da vida (Dona Ivone Lara, Pedro Loureiro, Elza Soares);

3.3.2 Ficha técnica²³

Elza Soares (voz) | **Danilo Andrade** (teclados, efeitos e elzatron) | **Paulinho Guitarra** (guitarra) | **Gabriel de Aquino** (violão e guitarra) | **Kiko Dinuci** (guitarra) | **Josyara de Jêje** (violão, guitarra, programação e vocais) | **Rafael Ramos** (omnichord e programação; bumbo eletrônico) | **João Rafael** (baixo) | **Alberto Continentino** (contrabaixo) | **Luiz Otávio** (rhodes e piano; clavinete;; sintetizadores) | **Rodrigo Tavares** (mini moog; bells; glockenspiel; Hammond; piano; sintetizadores; percussões orquestrais; clavinete) | **Thiago Silva** (bateria) | **Felipe Roseno** (percussão) | **Kainã do**

²³Disponível em: www.wikipedia.com

Jêje (percussão) | **Felipe Pacheco** (violino; viola; ; violão cordas de aço) | **Marcus Ribeiro** (cello) | **Diogo Gomes** (trompete e flugelhorn; trompete com surdina) | **Marlon Sette** (trombone; trombone com surdina) | **Jorge Continentino** (sax tenor e sax barítono) | **Carlos Malta** (sax barítono; sax tenor; flautas) || **Coro:** Janeh Magalhães, Fael Magalhães, Rômulo Nascimento e Alinne Nascimento || ***Josyara** (co-produção – fx. 7) – texto “*A voz triunfal*” por Elza Soares || **Faixa 9** – Contém texto extraído do filme “Literatura e Poesia Marginal” da Grito Filmes, com a voz de WJ || **Arranjo de cordas:** Felipe Pacheco | **Arranjo de metais:** Diogo Gomes e Josyara || **Produção musical:** Rafael Ramos | **Direção artística:** Pedro Loureiro || **Engenheiro de gravação:** Matheus Gomes / Estúdio Tambor (RJ) | **Gravações adicionais:** Jorge Guerreiro | **Mixagem:** Vitor Farias / Estúdio Tambor (RJ) | **2º Engenheiro de mixagem:** Matheus Gomes | **Assistente de gravação e mixagem:** Fábio Roberto | **Masterização:** Fábio Roberto e Matheus Gomes / Estúdio Tambor (RJ) || **Capa / ilustração e design:** Pedro Hansen / Deck | **Foto de capa:** Pedro Loureiro || **Equipe Projeta – Direção de produção:** Pedro Loureiro | **Produção executiva:** Vanessa Soares | **Direção administrativa e financeira:** Juliano Menegon | **Marketing digital:** Rafael Tex | **Gestão, marketing e planejamento estratégico:** Projeta Gestão Estratégica || **Equipe Deck – A&R:** João Augusto | **Assistentes de produção:** Bruno Pegos e Tatiana Horácio || Gravado entre julho de 2021 e janeiro de 2022, no Estúdio Tambor – Rio de Janeiro/RJ || **Selo:** Deck Disc | **Formato:** CD / Digital | **Ano:** 2023 | **Lançamento:** 23 de junho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, compreendeu-se que o sexismo e o racismo, por serem elementos estruturantes da sociedade brasileira, permanecem como temas amplos, complexos e indispensáveis para a análise das desigualdades sociais. Essas questões revelam uma condição histórica marcada pela resistência cotidiana, pelo esforço redobrado e pela necessidade de construção de caminhos próprios de enfrentamento, resistência e afirmação.

A partir das análises realizadas, foi possível compreender que o feminismo negro constitui uma ferramenta fundamental para analisar as relações históricas de poder. Ao evidenciar a articulação entre racismo e sexismo, essa perspectiva permite compreender de modo mais profundo as experiências das mulheres pretas e as formas específicas de opressão impostas pela sociedade.

Apropriando-se das reflexões de Lélia Gonzalez, compreendemos a necessidade em reconhecer as especificidades da realidade das mulheres brasileiras, valorizando o protagonismo das mulheres negras na construção da sociedade e nas resistências às formas diversas de opressão. De bell hooks, temos a concepção de feminismo como um projeto de transformação social capaz de enfrentar todas as formas de dominação.

Como objeto de pesquisa, a vida e a arte de Elza Soares assumem significado especial no debate sobre o feminismo negro. Sua biografia, sua extensa produção artística e seu último álbum — objeto central deste estudo — expressam a representatividade de uma mulher preta brasileira, potente e profundamente marcada por experiências que dialogam com a trajetória de muitas mulheres pretas no país, tendo a arte como importante instrumento de denúncia, memória, transformação social e resistência.

Portanto, estudar feminismo negro tendo como objeto de estudo o seu último trabalho, enriquece de forma muito objetiva esta discussão, não só por tudo que já foi tido sobre a sua história, mas pelo fato de assumir as composições de um álbum, no auge dos seus 90 anos, com um profissionalismo impecável e com uma voz forte, afinada, em um protesto simbólico. Assumia assim a sua posição de dona da sua voz e de seu discurso, reforçando o seu posicionamento de forma definitiva, a sua assinatura como artista e como mulher.

Discutindo sobre todas as questões que ainda permeiam o cotidiano da sociedade brasileira – racismo, transfobia, sexismo – Elza Soares propõe um exercício libertador, transgressor, mas atento e questionador. Amar a nossa negritude, a nossa condição feminina é essencial para a manutenção da luta, precisamos nos entender dentro desse autoamor, dessa aceitação. Nomear nossas dores e nossas questões também é resistir,

Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente então sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo e internalizado continuará a erodir a luta coletiva por autodefinição. Massas De crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esse sucesso será minados pela persistência da baixa autoestima (hooks, 2019, p.47).

Ao denunciar as violências impostas pelas formas de exclusão, a artista reafirma a necessidade de enfrentar as injustiças que ainda marcam a realidade de nós, mulheres pretas, comprovando que sua obra ultrapassa o campo musical, e se consolida como um importante registro histórico das lutas por dignidade, equidade e respeito.

Compreendendo que a luta contra o racismo e o sexismo está longe de acabar, torna-se necessário fortalecer os debates sobre feminismo negro, ampliando a produção de conhecimento comprometida com a justiça social e com a valorização das vozes historicamente silenciadas. Nesse sentido, este trabalho buscou contribuir para a compreensão do papel da arte, da memória e do pensamento feminista negro na construção de novas interpretações de uma mesma história, evidenciando que a resistência das mulheres pretas permanece essencial para a construção de uma sociedade mais democrática e plural.

Dessa forma, espero que esta pesquisa contribua de forma significativa para despertar em nós, mulheres pretas, a necessidade de apropriação de nossa história, de nosso orgulho, sensibilizando as nossas dores, ressignificando as nossas representações, e tudo isso com a contribuição da arte de Elza Soares, que se permitiu refletir, questionar, reinventar-se, acompanhando as vicissitudes do seu tempo, deixando muitas contribuições para o feminismo negro, ao

movimento de empoderamento, à beleza do envelhecimento, à descoberta do seu valor como mulher, artista, mãe, compositora,

O resultado saiu melhor do que esperava. “Ouvi tudo quando ficou pronto, virei para os meninos e disse: ‘esse disco não é para rodar não. Este disco é muito pra esse país!’. Eu achava mesmo que ninguém ia entender a loucura que era [...]. Tinha um pouco a ver com as mensagens que coloquei no disco. Eu queria me mostrar daquele jeitinho mesmo: abusada, atrevida. E eu não sabia se o Brasil estava preparado para ouvir a Elza falando de negro, de gay, da porrada, da violência. Lá estava eu, depois de tantos anos, fazendo um trabalho inédito. Quem estava pronto para me ouvir? (Camargo, 2018, p. 357).

Ultrapassando os limites do tempo e da existência física, Elza transformou a sua experiência em legado, reafirmando que a verdadeira grandeza de um artista reside na capacidade de permanecer presente na memória, como símbolo de luta, que inspira e atravessa gerações. O Brasil é o seu lugar de fala e sua voz é a força que não se cala.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane. Negro ou preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história. 20 jun. 2024. Disponível em <https://www.ems.org.br> Acesso em: fev. 2026.

CAMARGO, Zeca. **Elza**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

CAMPOS, Beatriz S., e REZENDE, Luciana Barreto Machado. Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2316-40186706>. Acesso em: nov. 2025.

COLLINS, Patrícia Hill e BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Augusto. Álbum póstumo de Elza Soares tem tom político afiado e arranjos potentes. In: **Carta Capital**, 1.7.2023. Disponível em www.cartacapital.com.br/blog Acesso em: 10 mar 2026.

ELZA Soares. Conversa com Bial. Rede Globo: Globoplay. Junho, 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6820622/> Acesso em: 6 dez. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elephant, 2019.

_____. **Anseios**: raça, gênero e política cultural. São Paulo: Elefante, 2021.

_____. **E eu não sou mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LUNA, Luedji. “Eza Soares: a eternidade da mulher do fim do mundo. Alma Preta. 21 jan. 2022. Disponível em <https://www.almapreta.com.br> Acesso em: 3 fev. 2026.

MARTINS, Larissa Papas Nogueira. “O grito da ‘Mulher do Fim do Mundo’: feminismo descolonial, subjetividades e rebeldias na vida e obra de Elza Soares” (1930-2022). Aquidauana, 2023.

_____. & SILVA SOUSA, Fábio. Feminismo negro, interseccionalidade e estudos culturais: uma análise da representatividade e resistências na vida de Elza Soares. Debates – **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música**, 29e2925D5. Recuperado <https://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/13398>.

PROGRAMA BEM VIVER. Conversa bem viver. No tempo da intolerância: único álbum autoral de Elza Soares é lançado após a sua morte. 14 jul. 2023. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br> Acesso em: 5 jan. 2026.

REVISTA PIAUÍ. No Tempo da Intolerância: único álbum autoral de Elza Soares é lançado após morte da artista. Entrevista com Pedro Loureiro, julho de 2023. Disponível em <https://pensarpiaui.com> Acesso em: 5 fev.2026

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.